



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6910 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

**PESQUISA, IMAGINÁRIO E ARTE LITERÁRIA: IMAGENS DE UMA CIDADE
PRODUZIDA POR CAROLINA DE JESUS**

Edivan Carneiro Almeida - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Bianca de Menezes Castro da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**PESQUISA, IMAGINÁRIO E ARTE LITERÁRIA: IMAGENS DE UMA
CIDADE PRODUZIDA POR CAROLINA DE JESUS**

A exploração destrutiva da natureza pela espécie humana, bem como entre sujeitos da própria espécie, ocorre há milênios, mas se acentuou nos dois últimos séculos, desde a revolução industrial e a organização das modernas sociedades capitalistas. Nesse contexto, foram criadas as ciências controladas por castas de sujeitos que dominavam a linguagem escrita e a filosofia, engendrando “rigorosos” processos metodológicos, visando a criar conhecimentos pretensamente verdadeiros e legitimados como superiores em relação às demais formas de conhecimento produzidos pelas pessoas em suas experiências cotidianas, denominadas de senso comum.

Esse modo de pensamento, desenvolvimento e organização, forjado no Ocidente (eurocêntrico), serviu ao processo de colonização, impondo-se pelo mundo afora como racionalidade universal, verdadeira e civilizada, produzindo uma dominação violenta e genocida de povos e culturas na África e América e cujas marcas ainda estão presentes no *modus operandi* das modernas sociedades capitalistas.

Esse processo, que Boaventura de Souza Santos (2002) chama de *razão indolente*, fez com que outros saberes, não científicos, não filosóficos, e, sobretudo, os saberes não ocidentais, fossem desconsiderados e desqualificados, visando a supremacia do conhecimento científico moderno. Assim, as ciências modernas impuseram-se como *razão metonímica* (SANTOS, 2002, p. 242), estabelecendo-se como “totalidade inteligível”, afirmando-se como “uma razão exaustiva, exclusiva e completa, muito embora seja apenas uma das lógicas de racionalidade que existem no mundo”.

A autoproclamada superioridade cultural ocidental determinou como inferior a ela toda diferença e alteridade humana.

Mujeres, primitivos, judíos, africanos, pobres y toda persona calificada con la etiqueta “diferente”, en diversas épocas históricas, se consideró como encarnada, dominada por el instinto y la afectividad, ajena a la razón. Eran la Otredad y la alteridad es un cuerpo. (OYĔWŪMÍ, 2016, p. 40)

Apesar de reconhecermos mudanças em curso, ainda predomina a razão ocidental atrelada aos interesses de uma minoria privilegiada desde a colonização. Atualmente no Brasil, por exemplo, os conhecimentos produzidos sobre racismo, corpo, gênero, transexualidade etc., estão sendo desqualificados, taxados como ideologia em declarações públicas de altas autoridades políticas e religiosas conservadoras, bem como boicotados por meio de cortes de recursos aplicados nas políticas públicas que financiam o trabalho de pesquisadores do campo das ciências humanas, a produção de conhecimentos que se contrapõem à “visão” racista e preconceituosa incrustada no modo conservador-patriarcal-machista-branco-capitalista-cristão-ocidental de organização de uma sociedade que exclui a diferença e a diversidade de corpos e modos de vida.

Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.

– Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (JESUS, 2014, p. 26)

O surgimento de pesquisadores organizados em centros/grupos de pesquisas em todas as partes do globo, integrados por pessoas dos mais diversos grupos e extratos sociais e a *apropriação* (CERTEAU, 2012) dos processos de pesquisa e produção de conhecimento, têm contribuído para a crítica à razão ocidental e para o desenvolvimento de diferentes formas de produção de conhecimentos, geralmente intituladas epistemologias do sul. Apesar de ainda fortemente marcados pelas epistemologias ocidentais, estão ocorrendo transformações nos modos contemporâneos de produção de conhecimentos, uma revolução estética nas práticas científicas.

Esse movimento de mudança, especialmente no campo da Educação e das Artes, tem proliferado diversos temas, conceitos, abordagens e processos de pesquisa, além de formas diferenciadas de escrita/registo, não mais estreitamente submissas a escrita formal/tradicional científica, mas também enveredando por formas literárias, poéticas e imagéticas (fotografias, filmes e criações visuais diversas).

A crítica às ciências modernas e o desejo de escape a seus postulados, evoca a necessidade de relativizar e realocar o conhecimento científico no corolário de uma *ecologia de saberes* (SANTOS, 2002) produzidos pelas mais diversas pessoas. Urge desconstruir a noção de senso comum, aguçando os diversos sentidos de que dispomos para melhor percebermos os *saberes-fazer* nas *práticas* dos sujeitos nos *cotidianos* (CERTEAU, 2012), “*espaçotempo* rico em criações, reinvenções e ações, recusando a noção hegemônica segundo a qual o cotidiano é *espaçotempo* de repetição e mesmice” (OLIVEIRA, 2012, p. 51).

Assim, neste trabalho, realizado a partir dos estudos introdutórios (primeiro semestre) do Doutorado em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, assumimos o objetivo de pensar outras possibilidades de produção de conhecimento focalizando o *imaginário* (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012) e as experiências de produção estética *realizadas/pensadas* por pessoas cujos corpos foram condenados à

invisibilidade/inexistência, rotulados com marca do senso comum. De modo especial, o nosso desafio foi visualizar os *cotidianos* da cidade de São Paulo e da emergente favela de Canindé, na década de 1950, através das imagens literárias descritas na crônica poética da catadora Maria Carolina de Jesus em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1958.

Em seu Diário, Carolina nos convida a percorrer as ruas de São Paulo, especialmente a favela onde morava (Canindé), e nos possibilita ver, escutar, sentir os cheiros/odores, os sabores e dissabores de suas experiências, dos sofrimentos e desejos vividos. Sua narrativa produz imagens multissensoriais dos cotidianos da cidade, denunciando seus contrastes e segregações, um imaginário criado nos/dos percursos labirínticos de uma favelada que luta em tirar do lixo uma sobrevivida, uma resistência à morte e à insignificância que lhe é imposta a todo instante.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 37)

Carolina se agarrava à vida e sobrevivia catando o descartado: papel, metais, vidro, resto de alimentos. Buscava alimentar a si e aos seus três filhos. A fome lhe perseguia diuturnamente, como a tantos jogados no quarto de despejo. Contudo, ela escrevia e nos fez ver-sentir seu mundo e o que pensava sobre ele, sobre a labuta desesperada dos trastes despejados pela rica capital paulista, produzindo sentidos e desejos que alimentavam sua esperança, não aceitando aquela realidade como uma fatalidade natural, mas como uma produção sociopolítica.

Palavras-chave: Produção de Conhecimento. Cotidianos. Imaginário. Arte literária.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. ALMEIDA, Rogério de. **Aproximações ao imaginário**: bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo, CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2012, p. 47-70.
- OYĒWŪMÍ, Oyèronké. **La invención de las mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá, Colombia: Editorial en la frontera, 2017.
- SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra/Portugal. n. 63. p. 237-280. out. 2002.